

HUMANITAS

ANUARIO DEL CENTRO DE ESTUDIOS HUMANÍSTICOS

21



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE NUEVO LEÓN

1980

precisamente porque el filósofo se dirige al lenguaje científicamente, que interpreta la semántica cosística, como una ontología cosística explícita (§ 103). En la reducción de la Filosofía al ritmo de la ciencia es en lo que reside “el paso decisivo en el arte de los trucos de prestidigitación” (§ 308). Este es el mal entendido fundamental (§ 314) de una forma filosófica ejemplar que Wittgenstein llama Metafísica (§ 58-116) cuyo riesgo esencial recae precisamente en ese equívoco (§ 458). Al monismo semántico del nombre, responden, así, el monismo ontológico de la res y el metodológico de la investigación científica, que olvida un modo original de interesarse por los fenómenos (§ 90, 108, 109).

La evaluación de las polifacéticas observaciones de Wittgenstein en este orden de análisis sólo puede hacerse provechosamente, tras la consideración de otro de los temas claves de las “Investigaciones Filosóficas”: los “juegos de lenguaje”, al que dedicaremos un estudio aparte.

ORIGINALIDADE CRISTÃ DA FILOSOFIA

UMA INVESTIGAÇÃO FILOSOFOLÓGICA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA ENCÍCLICA “AETERNI PATRIS” DE LEÃO XIII (1879-1979)

DR. PE. STANISLAVS LADUSÃNS, S. I.,

Professor da Faculdade de Filosofia Na. Sa. Medianeira,
Director do Conjunto de Pesquisa Filosófica (CONPEFIL),
São Paulo, S. P., Brasil.

I. Problema

O PROBLEMA SUSCITADO pelo presente tema é candente, hoje, apesar dos debates dos anos 30 entre os filósofos famosos na Europa sobre a filosofia cristã.¹ Que significa este problema, importante para o cristão no mundo atual?

Desenvolvendo uma investigação filosofológica, isto é, uma investigação filosófica sobre a filosofia na perspectiva do presente tema, o dito problema

¹ Sobre esta discussão prolongada, centrada inicialmente na questão de possibilidade de uma filosofia cristã e ampliada em seguida, tratando da relação entre a pesquisa filosófica e a revelação cristã, existe uma bibliografia vastíssima, que se encontra indicada minuciosamente em dois livros, subsídios da presente investigação: 1o. Antonio Livi, “Il cristianesimo nella filosofia”, L. U. Japarde, L'Aquila, Itália, 1969, pp. 190; 2o. Carmelo Nicolosi, “Fede cristiana e riflessione filosofica”, Roma, Ed. La Rocca, 1972, pp. 341. É interessante a respeito o volume: “Il senso della filosofia cristiana, oggi”, Brescia, Morcelliana, 1978, pp. 350. Esta obra contém as Atas do 32o. Encontro do Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, realizado em 1977. Veia também: “Pensamento Parcial e Total”, obra coletiva, coordenada pelo Prof. Dr. Pe. Stanislavs Ladusãns, S. I., Edições Loyola São Paulo, Brasil, pp. 294 (cfr. principalmente as páginas 145-188; 288-289).

impõe-se em termos nítidos: Existindo e operando hoje, como ontem, o cristão e precisando ele indispensavelmente, como ser racional, de filosofia, que tipo de filosofia então ele deve abraçar, para não atraí-lo a sua fé? Qualquer tipo, mesma aquela filosofia, que seguem os não-cristãos, os anti-cristãos ou uma filosofia diferente, de caráter novo ou original? Querendo ser fiel às exigências racionais da filosofia e, ao mesmo tempo, às exigências de sua fé, não cai o cristão num equívoco lamentável, numa contradição? Com outras palavras: Existe uma legítima originalidade cristã da filosofia e, se existe, em que ela consiste?

Por originalidade entendemos aqui a novidade, que pode ser legítima na filosofia, significando seja a novidade de conteúdos inteligíveis, seja denotando a novidade de uma maneira consciente de filosofar, quer pessoal, quer conscientemente agrupada e responsável.²

O problema formulado sobre a originalidade cristã da filosofia faz entender logo que ele visa primordialmente a relação entre a razão filosófica e a revelação cristã, entre a razão e a fé, não em abstrato, mas em concreto, tendo em consideração a pessoa existente do cristão. Este problema complexo e crucial, em todos os séculos, após o advento do cristianismo, costuma ter hoje várias outras formas de expressão, como, por exemplo, quando se move a questão sobre a cultura e a fé cristã, sobre a comunidade política e a Igreja, sobre a universidade e a fé, etc.³

Porém, a pergunta, acima enunciada, que envolve em cheio a questão do relacionamento da razão filosófica e da fé cristã, não está em desarmonia com as formulações problemáticas ora mencionadas, mais ou menos diferentes do questionar em pauta, porque ela é fundamental para a solução de todas aquelas questões, vitais e importantes para os nossos tempos. Mais: o assunto abordado pela presente pesquisa sintoniza de um modo especial com a encíclica "Aeterni Patris" de Leão XIII, que se empenhou com ardor para restaurar a filosofia cristã, conforme o pensamento de S. Tomás de Aquino, tratando ampla e profundamente sobre as relações entre a fé e a razão filosófica.

Seja, pois, a presente investigação de caráter filosofológico uma homenagem sincera ao Papa-Filósofo Leão XIII por ocasião do centenário da célebre

² Cfr. Leonardo van Acker, *Criatividade na Filosofia*, ensaio publicado na revista "Presença Filosófica", conjunto de 1975, pp. 259-263.

³ Cfr. a constituição *Gaudium et Spes*, Concílio Vaticano II, 1965, nr. nr. 53-62; 73-76; *Evangelii Nuntiandi*, exortação de Paulo VI, 1975, nr. 20; *Sapientia Christiana*, const. apostólica de João Paulo II, 1979, etc.

encíclica "Aeterni Patris",⁴ carta magna da filosofia cristã! Este documento pontifício projeta uma luz penetrante sobre a criatividade do cristão-filósofo, pondo em evidência e propondo como modelo Tomás de Aquino, um santo, que demonstrou, com o exemplo de sua vida cristã, a importância da verdade e sólida espiritualidade para um filosofar profundo e fecundo.

II. Aproximação para a solução do problema

Um dos termos fundamentais do problema colocado é a razão filosófica. De que razão se trata aqui? Não de uma razão em abstrato, ser ideal, que não existe na realidade, nem como faculdade cognoscitiva, nem como atividade cognoscente. O que existe na realidade como agente pensante é a pessoa humana concreta. E quem faz a filosofia não é a razão independente da pessoa, mas a pessoa existente por meio de sua razão. Toda e qualquer concepção filosófica, antes de ser escrita num volume ou numa série de volumes, é uma ciência consciente de um filósofo existente concreto e, depois de ser comunicada, volta a ser filosofia, quando fica entendida por pessoas viventes crítica e conscientemente, baseando-se na evidência objetiva. É o homem concreto, ser racional, detentor de uma certa experiência, que filosofa, e ele não é a razão pura. Por isso, a filosofia, que busca as últimas soluções das últimas questões, é uma obra essencialmente humana, que se explica não só pelas causas específicas do conhecimento, mas também por outros fatores e condições do homem todo, concreto e histórico, sujeito às influências dos sentidos, da vontade, do sentimento, do tempo, da terra, da nação, da educação recebida, literatura nacional, religião, etc. Como o nosso filosofar não se dá sem o nosso eu, assim o nosso eu não existe senão ligado às circunstâncias concretas, que constituam, num certo sentido, os pressupostos para a atividade racional filosófica. Tudo isso devemos ter em consideração no caso do cristão filósofo. Assim entramos numa breve ilustração da fé cristã, outro termo fundamental e um pressuposto indispensável para a solução do problema sobre a originalidade cristã da filosofia.

No homem cristão pensador encontram-se, numa unidade concreta, o filosofar, que é uma atividade natural e a fé sobrenatural, que significa uma adesão

⁴ Leão XIII, *Epistola Encyclica*, 4-VIII-1879, Roma, publicada em latim, na forma de um opúsculo de 48 páginas, 1879 (hoje, portanto, histórico, sendo centenário; usado aqui para as citações); em *Acta Sanctae Sedis*, vol. XII, 1, pp. 103-134; publicada em *Leonis XIII Pontificis Maximi Acta*, vol. I, Romae, ex Typographia Vaticana, 1881, pp. 255-284 como "Epistola Encyclica de Philosophia Christiana ad mentem Sancti Thomae Doctoris Angelici in scholis catholicis instauranda"; "Civitas Cattolica", 1879, vol. XI, ser. 10, pp. 513-550.

a Jesus Cristo e à Sua doutrina de salvação. Em virtude da fé o cristão aceita não só aquelas verdades que a inteligência humana não pode atingir por si mesma, mas também não poucas outras, que são acessíveis à razão à base da evidência objetiva, a fim de que elas possam ser conhecidas por todos, em virtude da autoridade de Deus revelante, com uma facilidade rápida e sem mistura alguma de erro.⁵

Porém, a adesão do homem às verdades reveladas não pode ser fideística ou cega, sem motivos racionais. Por isso, o cristão deve adquirir a certeza, referente ao fato histórico de revelação divina e ao órgão destinado por Deus (Igreja) para conservar, propagar e defender o patrimônio das verdades reveladas. O ato da fé cristã pressupõe, pois, a busca das razões de crer, dos motivos da credibilidade, que são, em grande parte, de caráter filosófico, como a capacidade de conhecer a verdade, o conhecimento da existência e providência de Deus, criação do universo, o discernimento da verdadeira religião revelada, liberdade e responsabilidades do homem perante Deus, a onisciência e santidade absoluta de Deus. Porém, aquela certeza, exigida pela adesão perfeita do cristão à revelação divina, baseada nas verdades racionais, não constitui o motivo suficiente para o ato da fé, que é formalmente um ato intelectual. É apenas um pré-requisito para que o ato da fé cristã harmonize com a razão natural. O motivo do ato da fé cristã é a autoridade de Deus revelante, enquanto ela é a Primeira Verdade no conhecer e no manifestar o conhecimento, isto é, a ciência absolutamente infalível e a veracidade absoluta. Assim, pois, o cristão assegura a racionalidade da sua fé sobrenatural, mas não racionaliza esta fé, superando o fideísmo e o racionalismo. Descobre também a obrigação de crer.

Resultam assim brevemente ilustrados os dois pontos básicos, que aproximam à solução do problema sobre a originalidade cristã da filosofia. Mais! A esta altura, concluindo, é já possível colher o primeiro fruto da investigação, pois resulta que, sendo o homem num certo modo naturalmente cristão, conforme a tese de Tertuliano, a filosofia é também, de algum modo, naturalmente cristã. Que significa isto? Significa uma propriedade especial da filosofia, que não possuem as ciências matemático-experimentais e técnicas. Dado o fato histórico da revelação divina, o dinamismo filosófico natural do homem não cria obstáculos contra a aceitação do dom da salvação, que vem do Alto, mas abre e dispõe a mente humana, de algum modo positivamente, para o encontro com o cristianismo. Por isso, Leão XIII na "Aeterni Patris" declara, que "a filosofia, quando usada devidamente por pessoas sensatas, tem a virtude de abrir e de aplanar, de alguma maneira, o caminho que leva à fé verdadeira,

⁵ "Aeterni Patris", opúsculo histórico citado, p. 8.

preparando, de modo conveniente, a mente de seus discípulos a aceitar a revelação: foi por isso que os antigos a chamavam com razão, ora uma instituição preparatória para a fé cristã, ora o prelúdio e auxílio do cristianismo, ora o pedagogo para o Evangelho".⁶ Precisamente neste sentido já resulta alguma originalidade cristã da filosofia: a razão filosófica do homem é naturalmente cristã. Por isso, a famosa expressão: "inteligência em busca da fé" — "intellectus quaerens fidem" — possui também hoje todo seu vigor gnosiológico, metafísico e ético.

É isso que vale quanto ao cristão potencial, antes que a fé se instale na sua alma. E qual é a originalidade do filosofar do cristão crente, depois da presença atuante da fé? — surge a pergunta que nos leva para a nova fase da reflexão filosofológica.

III. A segunda dimensão da originalidade cristã da filosofia: o caminho cristão de filosofar

Após a aceitação do cristianismo, a pessoa, que professa e vive a fé cristã, se encontra numa nova situação concreta, que confere à filosofia uma nova originalidade, enquanto beneficia o exercício da razão filosófica. Podemos falar, por isso, da segunda dimensão da originalidade cristã da filosofia.

A reflexão filosofológica deve ser bem entedida nesta fase de sua articulação. Ela será totalmente equivocada, se alguém sustentar a tese de que, seguindo a fé, o cristão não pode ser um filósofo autêntico. Este ídolo da auto-suficiência racionalista deve ser rejeitado pelo cristão. A sinceridade radical no filosofar não exige que o cristão se coloque neste apriorismo arbitrário paralizante, mas o coloca num estado correto e fecundo do filosofar, que consiste num exame crítico universal em relação aos conteúdos pré-filosóficos. Iniciando a atividade filosófica num certo momento de sua maturidade intelectual, o cristão aceita, em virtude do exame crítico universal, como inegável o que se manifesta evidente e indubitável; legítima o que se revela como legítimo; coloca em dúvida o que se encontra como duvidoso; rejeita como falso o que é errôneo.

⁶ "Ac primo quidem philosophia, si rite a sapientibus usurpetur, iter ad veram fidem quodammodo sternere et munire valet, suorumque alumnorum animos ad revelationem suscipiendam convenienter praeparare: quamobrem a veteribus modo praevia ad christianam fidem institutio (Clem. Alex., Strom., lib. I, c. 16; 1. VII, c. 3), modo christianismi praeludium et auxilium (Orig. ad Greg. Thaum.), modo ad Evangelium paedagogus (Clem. Alex., Strom., I, c. 5) non inmerito appellata est" "Aeterni Patris", opúsc. cit., p. 8.

Uma pergunta surge agora: Procedendo assim criticamente, deve o cristão filósofo rejeitar a sua fé, como exige a mencionada posição racionalista, que confunde equivocando-se os pressupostos legítimos com preconceitos ilegítimos?... Não, porque o cristão tem consciência de que as verdades da fé têm sua fundamentação racional sólida e constitui assim um livre obsequio racional a Deus. Por conseguinte, a vida sobrenatural é para o cristão um pressuposto enriquecedor, pois é ela que purifica e eleva a vida natural, que contém em si, como uma dimensão fundamental, o dinamismo multiforme do filosofar. Como então a fé vivida, como um ponto de partida intocável e como um caminho, influencia o processo do filosofar? Como ela contribui originalmente para a filosofia?

Respondendo a esta pergunta, convém dizer logo que esta contribuição não significa a supressão da filosofia como inútil e prejudicial para a vida cristã. A fé não é antagônica à razão. A consciência intelectual atesta claramente ao cristão que sua condição de crente não lhe destrói o processo natural de abstrair o inteligível do sensível, de refletir, de julgar, de raciocinar e de operar normalmente na investigação científica com as potências naturais de razão, da vontade, etc. Por isso, o filosofar não perde sua autonomia legítima. No processo de filosofar, o cristão não baseia suas afirmações ou negações nas verdades da fé, mas na evidência objetiva.

A contribuição original da fé cristã é de outro caráter. A fé vivida pelo cristão auxilia o filosofar, antes de tudo, num sentido purificador, enquanto remove os obstáculos que impedem o exercício de razão filosófica no seu gravitar para o real, a fim de descobrir as evidências profundas. O cristianismo proporciona ao filósofo, homem frágil por sua natureza, meios de ajuda sobrenatural, fortificando-o para que ele possa dedicar-se com seriedade e constância à sua tarefa, que exige grandes sacrifícios e grandes virtudes morais. A filosofia, para que chegue realmente à sua perfeição, exige não só um exímio talento natural, mas também a participação constante de altas virtudes do cristão todo, como personalidade, atuando e aguçando a razão ao máximo, procedendo realisticamente com ordem, analisando com penetração e sintetizando com coerência.

Quando um filósofo chega a viver realmente como cristão as bem-aventuranças do Sermão da Montanha,⁷ consegue então sintonizar com a verdade numa maneira tão feliz que se cria nele uma conaturalidade afetiva com tudo que é verdadeiro. Esta conaturalidade é vital para o progresso da filosofia nos dias de hoje, tão imediatistas, pragmáticos, passionais e sentimentais.

⁷ Mt., 5.

Ela promove de uma maneira extraordinária a vida intelectual, também natural filosófica, como o explica amplamente S. Tomás de Aquino, encontrando luzes em Aristóteles.⁸ Os hábitos virtuosos facilitam o discernimento intelectual e fecundam a investigação filosófica atualizada. Este ponto constitui, pois, uma originalidade notável em relação ao filosofar. Tendo tudo isso na mente, Leão XIII é incisivo na "Aeterni Patris", quando afirma que "aqueles que unem o estudo da filosofia com o obsequio à fé cristã, são excelentes no filosofar".⁹ Indica logo a razão disso num sentido existencial: "visto que o esplendor das verdades divinas, penetrando a alma, vem em auxílio da própria inteligência; longe de lhe tirar o quer que seja da sua dignidade, aumenta-lhe consideravelmente a nobreza, a penetração, a solidez".¹⁰

Qual é a razão desta originalidade cristã do filosofar? Ela tem sua explicação na coexistência, na pessoa concreta do cristão, do hábito filosófico natural, contraído pelos atos de filosofar, com o hábito sobrenatural da fé, raiz e fundamento da justificação, bem como com outros hábitos virtuosos, que se originam em virtude da vivência religiosa. Esta coexistência estimula e promove, de uma maneira original, a atividade filosófica do cristão, como também a sua fé, nutrindo-a, defendendo-a e fortificando-a,¹¹ conforme a famosa expressão de que a fé procura a inteligência — "fides quaerens intellectum". Como isso constará mais tarde, no capítulo quinto, ressaltando a quarta dimensão da originalidade cristã da filosofia. A experiência interna do cristão o testemunha infalivelmente. Em virtude da unidade substancial da pessoa humana, as potências, os hábitos e seus atos relacionam-se dinamicamente entre si, constituindo uma estrutura e conservando a diversidade de seus objetos formais, em benefício do homem todo, na perspectiva do seu fim último.

Por conseguinte, esta coexistência é consistente. Por isso, a atividade filosófica do cristão possui inegavelmente o caráter intrinsecamente racional cu a devida independência, pois o crente como filósofo não tem por objeto o que

⁸ Stanislavs Ladusāns, S. I., "Presença Filosófica", São Paulo, 1975, pp. 32-35.

⁹ "Quapropter qui philosophiae studium cum obsequio fidei christianae coniungunt, ii optime philosophantur" - "Aeterni Patris", opúsculo citado, p. 19.

¹⁰ "...quandoquidem divinarum veritatum splendor, animo exceptus, ipsam iuvat intelligentiam; cui non modo nihil de dignitate detrahit, sed nobilitatis, acuminis, firmitatis plurimum addit" - "Aeterni Patris", opúsc. cit., p. 19. Veja também o texto de Leão XIII na p. 11 do dito opúsculo, que é o seguinte: "Quod si vero naturalis ratio optimam hanc doctrinae segetem prius fudit, quam Christi virtute fecundaretur, multo uberriorem certo progignet, posteaquam Salvatoris gratia nativas humanae mentis facultates instauravit et auxit".

¹¹ Santo Agostinho, De Trinitate, livro XIV, c. 1.

Deus revelou, mas as coisas cognoscíveis pela luz natural da razão. Se o crente procede na perspectiva da Divindade (SS. Trindade), que constitui o seu objeto formal, ele enquanto filósofo tem como ponto de vista os últimos princípios da realidade e da ordem lógica, cognoscíveis em virtude da evidência objetiva. Mesmo Deus é conhecido filosoficamente pelo cristão enquanto resplandece no universo como Legislador Supremo, Sumo Bem, Causa primeira eficiente, Ser Subsistente participado, Ordenador Supremo, etc. Se a luz do crente é a razão iluminada pela fé, a luz do cristão filósofo é a razão natural, isto é, o seu conhecimento fundamentado na evidência racional das coisas e nos primeiros princípios da ciência, evidentes em si e por si mesmos, sem nenhuma demonstração rigorosa. Se o objetivo do crente é descobrir o que foi exatamente revelado, o seu objetivo enquanto filósofo é buscar, encontrar e comunicar a verdade racional, gnosiológica, metafísica e ética.

Existe, pois, uma harmonia nesta coexistência da razão filosófica e da fé cristã, que é consistente e possui a sua última razão explicativa em Deus. A última raiz ontológica da natureza racional do homem é Deus Criador, que não é diferente de Deus Salvador, Autor da ordem sobrenatural. É, pois, o mesmo Deus, em que se fundamentam, em última análise, a verdadeira razão filosófica do cristão e sua fé teológica, patenteando assim na sua raiz ontológica profunda a harmonia original do verdadeiro filosofar cristão.

A originalidade cristã da filosofia patenteia, do ponto de vista epistemológico, o caráter especial da influência que a razão filosofante recebe da parte da fé formada. Esta influência é positiva. Mais: ela é também de algum modo intrínseca. A razão disso é, porque a cristianização da inteligência é intrínseca e não algo de extrínseco; segundo, porque o ato da fé e o ato cognoscitivo filosófico, que se influenciam mutuamente, se encontram formalmente no intelecto humano, embora cada um possuindo a sua estrutura epistemológica diferente. Conservando cada um a própria especificidade, resultante em virtude do respectivo objeto formal, aqueles atos se relacionam influenciando-se mutuamente apenas no plano do exercício, que é diferente do plano de especificação. Fica salvo assim logicamente o conceito de filosofia cristã como não-contraditório, porque a influência da fé sobre a razão se dá no plano do exercício e não plano de especificação formal, como isso se verifica no caso da certeza livre, quando, conhecendo suficientemente os motivos, que bastam para que a inteligência dê o seu assentimento, se requer ainda, por razões práticas, o influxo da vontade, para que se removam os obstáculos e resulte a adesão intelectual firme. A autonomia ou independência da filosofia cristã como ciência racional está no plano da especificação formal e fica garantida, como Leão XIII declara na "Aeterni Patris", dizendo que a filosofia cristã

possui não o caráter teológico sobrenatural, mas o caráter da verdadeira filosofia, isto é, "o seu método, os seus princípios e os seus argumentos".¹²

Tudo isso, porém, não significa, como Leão XIII repetidamente insiste, que a razão deve ser separada no filosofar da fé, baseada na revelação divina, que é superior ao conhecimento humano. A filosofia não pode ser sacrificada ao ídolo da auto-suficiência racionalista e eximir-se dos pressupostos legítimos, entre os quais figura a fé cristã. Sujeitando-se à revelação divina, a razão filosófica recebe no seu exercício numerosas vantagens; separando-se hostilmente da fé, ela cai em desvios. A história da filosofia o atesta claramente. Por isso, é justo ter hoje em consideração a lapidar expressão de Main de Biran de que a inteligência deve buscar a inteligência por meio da fé cristã, que a protege e orienta: "intellectus quaerens intellectum por fidem".¹³

Concluindo esta fase da presente pesquisa, é justo, pois, afirmar que a fé vivida constitui para o cristão uma via magnífica para a vida intelectual profunda e eficiente. É a fé cristã que o coloca em ótimas condições existenciais para exercer frutuosa e a razão filosófica, sem pressionar que se mude a essência racional da filosofia. Assim, no seu processo filosófico específico, a razão é levada a alcançar a legítima "secularização" em virtude da evidência objetiva racional que a determina, evitando, ao mesmo tempo, o "secularismo" que diz o afastamento da razão do cristianismo. É precisamente o cristianismo que proporciona ao filósofo novas circunstâncias concretas para a reflexão, um caminho novo dentro do pressuposto e universo da fé, sugerindo, como vamos ver em seguida expresamente, novos conteúdos a serem examinados racionalmente. Por isso, tem razão Pietro Prini, quando, concluindo em 1977 os prolongados debates do 32o. Encontro de Gallarate sobre o sentido da filosofia cristã, hoje, ressalta a genuína originalidade da

¹² "In iis autem doctrinarum capitibus, quae percipere humana intelligentia naturaliter potest, aequum plane est, sua methodo, suisque principiis et argumentis uti philosophiam: non ita tamen, ut auctoritati divinae sese audacter subtrahere videatur. Imo, cum constet, ea quae revelatione innotescunt, certa veritate pollere, et quae fidei adversantur pariter cum recta ratione pugnare, noverit philosophus catholicus se fidei simul et rationis iura violaturum, si conclusionem aliquam amplectatur, quam revelatione doctrinae repugnare intellexerit"—"Aet. P.", o. c., pp. 17-18.

¹³ Carmelo Nicolosi, "Fede cristiana e riflessione filosofica", 1972, p. 83. Cfr. as páginas 69-96, onde o autor apresenta a tese de Étienne Gilson sobre a revelação divina geradora da razão. Veja também as páginas 97-116 sobre o conceito de filosofia cristã na concepção de Jacques Maritain. Ambos estão sintonizando entre si. Trazem muitas e valiosas luzes para a presente solução da problemática filosofológica, que se orienta fundamentalmente pela encíclica "Aeterni Patris" de Leão XIII, embora não aproveitada suficientemente na discussão dos anos trinta sobre a filosofia cristã.

filosofia, em virtude da influência que o cristão experimenta na sua vida intelectual profunda.¹⁴

No filosofar dos Padres da Igreja, dos Doutores Escolásticos e Neo-escolásticos houve esta influência positiva da fé cristã, como a história o testemunha com clareza. Ela foi tão fecunda que precisamente dela deriva um aumento notável do patrimônio filosófico da humanidade, resultando tantos conteúdos novos, que hoje são muito atuais e concorrem para renovar todas as dimensões do autêntico humanismo, exigência urgente dos últimos vinte anos do trágico século XX, para que se evitem calamidades ainda maiores. Quais são precisamente estes conteúdos filosóficos originais? Esta pergunta inicia a nova fase da reflexão filosofológica.

IV. *A originalidade cristã da filosofia em virtude dos novos conteúdos*

Um gigantesco movimento histórico do pensamento inovador, movimento filosófico patrístico-escolástico, de quase 20 séculos, constitui uma busca racional tenaz e lenta da filosofia perfeita. O resultado desta meditação coletiva prolongada é inegável: advento da filosofia cristã, que é um conjunto de verdades racionais, descobertas, aprofundadas e ordenadas pela razão humana, graças aquele auxílio que ela recebeu da parte da Revelação de Deus. Este movimento filosófico, continuado sem interrupção, desde o primeiro século até os nossos dias, é amplo no espaço, tem suas raízes na filosofia grega, extendendo-se ainda mais no tempo. Tem o seu ponto mais alto na sistematização de S. Tomás de Aquino (1225-1274), como Leão XIII (1810-1903) ressalta oficialmente na sua encíclica "Aeterni Patris", que considera a melhor de seu pontificado de 25 anos. Surgiram assim novos conteúdos filosóficos, patrístico-escolásticos, irredutíveis à filosofia pré-cristã.

Estes conteúdos constituem o terceiro argumento para que a reflexão filosofológica possa corroborar ainda mais a tese sobre a originalidade cristã da

¹⁴ "La formula che io vorrei proporre e che costituirà il tema di una mia prossima ricerca è questa: la via cristiana alla filosofia. Nessuna filosofia è possibile se non si situa nella condizione esistenziale di chi la esercita. Il credente, a differenza del non credente, ha il privilegio di vivere in un contesto di esperienza in cui, il rapporto con la Trascendenza si fa manifesto nelle categorie dell'esistenza storica. Questo contesto e queste categorie forniscono insieme i dati e la procedura ad una riflessione recuperatrice che può e deve portare un contributo di genuina originalità alla filosofia tout court, che non sopporta altri aggettivi all'infuori di quello della sua perennità"—o. c., pp. 333.

filosofia. Este argumento resulta em virtude dos novos conteúdos filosóficos, alcançados pelos cristãos, com novas disposições espirituais, que autorizam a definir a filosofia cristã da seguinte maneira: a filosofia cristã é filosofia, existente na história, acrescida notavelmente pelos novos conteúdos originais, em virtude da influência do cristianismo.

Estes conteúdos —patrísticos, escolásticos e neo-escolásticos— evidenciam o seu valor extraordinário para o homem, para a época atual, enquanto convergem de uma maneira orgânica e incisiva para fundamentar racionalmente o autêntico humanismo, que é pluridimensional, antropocêntrico apenas no sentido gnosiológico, mas teocêntrico do ponto de vista metafísico e ético. Como se articulam aqueles novos elementos filosóficos na estruturação do verdadeiro humanismo?

Em relação à dimensão gnosiológica do humanismo, a razão humana conscientizou-se melhor, sob a influência do cristianismo, que não pode encontrar em si mesma salvação. A razão humana não pode endeusar-se: ela é limitada e não auto-suficiente. Por isso, não pode pretender mais do que pode. Sob a mesma influência cristã, a razão humana penetrou mais a fundo no seu valor natural cognoscitivo e no seu alcance vital na solução dos grandes problemas do homem. A dimensão gnosiológica é fundamental para a construção do autêntico humanismo, não só porque o eu humano é o centro consciente da ciência em todos os seus sentidos, mas também, como cristão bem sabe, a razão humana desviada, como, por exemplo, pelo racionalismo ou idealismo absoluto, desvia a vida humana toda; a razão humana sadia beneficia grandemente o homem e o seu agir. Por isso, Leão XIII insiste na "Aeterni Patris" sobre a educação filosófica e valorização da razão, que é um dom natural do homem, podendo ser deprimido ou também supervalorizado.¹⁵

Quanto à dimensão metafísica intra-humana do humanismo, a contribuição filosófica dos cristãos, iluminados pelos conteúdos da fé, foi tão grande e decisiva já nos seis primeiros séculos, que resultou um conceito novo da pessoa humana. O filósofo pré-cristão não chegou a ter uma idéia clara do que seja a pessoa humana. Foram os mistérios revelados de SS. Trindade e da Encarnação do Verbo eterno que projetaram luzes sobre a especulação metafísica, a qual, tendo em vista a vida intelectual, volitiva e a consciência do

¹⁵ Veja, por exemplo, pp. 5-6 do opúsculo citado, onde Leão XIII diz: "Cum enim insitum homini natura sit, ut in agendo rationem ducem sequatur, si quid intelligentia peccat, in id et voluntas facile labitur: atque ita contingit, ut pravitas opinionum, quarum est in intelligentia sedes, in humanas actiones influat, easque pervertat. Ex adverso, si sana mens hominum fuerit, et solidis verisque principiis firmiter insistat, tum vero in publicum privatumque commodum plurima beneficia progignet".

ser racional, o definiu como existente distinto na natureza racional, evidenciando assim aquela dignidade especial e única que o homem possui no universo material em virtude de sua alma espiritual e imortal. O homem não é mais coisa, instrumento, número, simples membro da coletividades, mas possui um valor intrínseco tão grande, que abre, como sujeito de direitos e deveres, novos e fecundos horizontes para a vida económica, política, social e cultural. A Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, de 1948, a Declaração dos Direitos das Crianças da ONU, de 1959, são dois exemplos inequívocos da penetração da doutrina filosófica dos cristãos dentro das estruturas do pensamento ocidental e oriental, oferecendo ao mundo atual trágico, sob o signo do cristianismo, benefícios imensos e indicando caminhos claros para a mútua compreensão e para a paz universal.

Também em relação à dimensão axiológica descensional do humanismo, o filosofar dos cristãos, orientados pela fé, abriu novas perspectivas para relacionar devidamente os valores materiais —técnicos, económicos e outros afins— com a pessoa humana, superior a todos esses valores, tendo em vista o seu fim último transcendente. O cristão como filósofo, encontra assim um modo novo de conceber o seu lugar no universo material, transcendendo o antropocentrismo terrestre e encontrando um humanismo novo. Conforme esta concepção filosófica nova, as coisas são criaturas de Deus transcendente, Ser total e absolutamente absoluto. Isso não diminui a realidade e o valor das coisas deste mundo, mas obriga a descobrir o seu sentido profundo, a respeitá-las, a agradecer-las como dons que vem do Alto e a usá-las com indiferença ativa e superioridade de espírito, exigências da verdadeira felicidade humana.

Quanto à dimensão filosófica entre-humana ou horizontal do humanismo, o filosofar dos cristãos elaborou, sob a influência da fé, a nova filosofia da fraternidade humana, entendendo os seres humanos fundamentalmente iguais, enquanto têm a mesma origem, a mesma natureza e o mesmo fim último bem como baseando a ordem económica na ordem política sadia, a ordem política na ordem social nova, a ordem social na ordem jurídica, a ordem jurídica na ordem moral e a ordem moral na ordem religiosa autêntica. Todos os homens possuem a mesma dignidade de pessoa. Por conseguinte, o outro não pode ser considerado como ser explorável, mas como próximo, fim em si, como irmão. A encíclica "Redemptor Hominis" de João Paulo II ilustra a fundo a dignidade humana, considerada em si e socialmente, elevada pela Cruz do Calvário, fonte da salvação e da regeneração perfeita, que ressalta ainda mais a igualdade fundamental entre os homens e entre os povos. Esta é a nova ordem social do homem novo, que à luz do valor da pessoa humana reconhece e defende a dignidade da família, da sociedade nacional e da humanidade inteira.

Em relação à dimensão metafísica supra-humana ou ascensional do humanismo, a filosofia dos cristãos purificou e enriqueceu positivamente, sob a influência do cristianismo, a filosofia de Deus. O pensamento pré-cristão não chegou nunca a um conhecimento claro e nítido da transcendência de Deus, mesmo quando não identifica Deus com o mundo. Por isso, Deus não é, na concepção pré-cristã, plenamente divino, nem o mundo é plenamente mundano, como nem o homem é plenamente humano. Coexistem eternamente, formando um único sistema, onde vigora a mesma lei. A transcendência de Deus encontra a sua autenticidade só em virtude do cristianismo, pela metafísica do Ser Subsistente, da Primeira Causa eficiente, Criador livre do mundo "ex nihilo sui et subiecti". Deus é o Ser; as coisas e o homem têm o ser, existem. Assim, à base da participação e de outros sinais da contingência, o problema da origem encontrou a solução filosófica convincente, ficando clara uma transcendência relativa da pessoa humana em relação ao universo material. Deus, absolutamente transcendente e Criador livre, não precisa do mundo para ser e para ser feliz, mas somos nós que temos necessidade do Ser Supremo e do Sumo Bem para existir, para agir e para ser mais, alcançando a felicidade. A nova metafísica alarga assim os horizontes, em virtude do conhecimento análogo, que nos leva a sair do mundo categorial unívoco e a atingir com validade as realidades transcendentais. Não só a noção do ser, mas também outras noções importantes na filosofia renovada, como as noções de verdade, unidade, bondade, causa, ação, geração, vida, saber, amor, etc., foram libertadas das estreitez, graças à influência do cristianismo. Isto prova também que o cristianismo implica uma filosofia ampla, capaz de ser explicada e sistematizada racionalmente.

Daí resulta uma abertura especial do cristão filósofo para a ordem sobrenatural, dom absolutamente gratuito de Deus, em busca de uma integração filosófico-teológica, conciliando harmoniosamente a razão e a fé, natureza e a graça, que transfigura o homem velho no homem novo, imagen viva de Cristo. Tomás de Aquino chegou a elaborar com originalidade consistente esta harmonia, na qual "ao mesmo tempo que distingue perfeitamente, como convém, a razão e a fé, une-as ambas pelos laços de mútua amizade; conserva assim a cada uma os seus direitos a salvaguarda a dignidade".¹⁸ Mais! Demonstrou Tomás de Aquino que para criar com perfeição a síntese cristã original

¹⁸ Eis, o famoso texto de Leão XIII na "Aeterni Patris" no original e na forma completa: "Praeterea rationem, ut par est, a fide apprime distinguens, utramque tamen amice consocians, utriusque tum iura conservavit, tum dignitati consuluit, ita quidem ut ratio ad humanum fastigium Thomae pennis evecta, iam fere nequeat sublimius assurgere; neque fides a ratione fere possit plura aut validiora adiumenta praestolari, quam quae iam est per Thomam consecuta" — opúsculo cit., p. 32.

de tamanha envergadura filosófico-teológica não basta ter um gênio, mas se requer também a santidade de vida.

V. *A quarta dimensão da originalidade cristã da filosofia: seu caráter instrumental de serviço*

Finalmente, o quarto sentido da originalidade cristã da filosofia consiste na sua disponibilidade variada para ser utilizada cientificamente como instrumento em benefício da revelação divina, feita para os homens —“propter homines”—. Antes de tudo, a filosofia concorre para estruturar a ciência da fé, isto é, a teologia sobrenatural sistemática. Mais: esta originalidade manifesta-se também na defesa racional da fé cristã contra os ataques de índole filosófica, bem como na mediação, exigida hoje pelo diálogo do cristão com as atuais ciências experimentais, que se encontram num progresso vertiginoso.

A filosofia está à disposição do cristão como instrumento válido para desenvolver, com método, a reflexão racional sobre os dados históricos da revelação divina. A distinção perfeita entre a razão filosófica e a fé não impede que a filosofia ajude o cristão no seu esforço reflexivo de penetrar, mais e melhor, de uma maneira sistemática, no universo das verdades reveladas, satisfazendo assim à exigência da inteligência de obter uma visão coerente e global da realidade do cristianismo como obra de Deus, que se revelou em Jesus Cristo Salvador e que se prolonga por meio da Igreja, instituição fundada por Cristo, a fim de levar a mensagem da libertação integral a todos os povos de todos os tempos. Usando a razão, o cristão filósofo chega a descobrir, nos dados revelados, uma certa inteligibilidade imanente, os nexos internos entre os mistérios da fé e com o fim último do homem, como Leão XIII ensina com clareza na “Aeterni Patris”, afirmando que a reflexão racional sobre a revelação divina deve receber da parte da filosofia “a natureza, o hábito e o caráter de uma verdadeira ciência”¹⁷ e que a “custo pode a fé esperar da razão socorros mais numerosos ou mais poderosos do que Tomás lhe ofereceu”.¹⁸

Esta reflexão racional, que se refere constantemente às verdades da fé e se processa em união com a componente positivo-histórica da teologia, é de caráter instrumental. É imanente àquele processo, embora ele seja conduzido

¹⁷ “Aeterni Patris”: “Solidissimis ita positis fundamentis, perpetuus et multiplex adhuc requiritur philosophiae usus, ut sacra Theologia naturam, habitum, ingeniumque verae scientiae suscipiat atque induat” — opúsc. cit., p. 13.

¹⁸ Cfr. o texto original de Leão XIII citado por extenso na nota 16 da presente investigação.

pela luz da fé, que ilumina a inteligência. É um processo lógico, articulado segundo os princípios filosóficos.

Não toda e qualquer filosofia possui esta idoneidade intrínseca de poder ser assumida neste processo científico-sistemático da reflexão sobre os dados da fé, que exige uma conexão indispensável com as evidências naturais da inteligência humana. Ficam excluídas deste processo inevitavelmente aquelas concepções filosóficas, que são incompatíveis com a verdade natural e, com isso, também com a Revelação de Deus, verdade sobrenatural, como, por exemplo, o relativismo cético, a imanência materialista, a imanência idealista, etc. Contudo a teologia, radicalmente independente em relação a qualquer sistema filosófico, está aberta para ouvir as instâncias críticas, que as filosofias apresentam à ciência da fé cristã, a fim de poder dialogar em profundidade, de justificar-se cientificamente e de ser compreendida no serviço que está prestando à humanidade. Além disso, a ciência da fé cristã está aberta a qualquer filosofia, seja ela recente ou antiga, para receber contribuições de valor, que possam ser integradas na síntese cristã dentro do contexto das legítimas exigências da vida concreta e da cultura do respectivo povo, como a Igreja o declara expressamente. Neste seu abrir-se amplo, a ciência da fé cristã (teologia sobrenatural) prefere sempre aquelas filosofias, que se relacionam melhor, nas suas teses básicas, com os dados revelados, aceitando, em certas circunstâncias, um pluralismo filosófico sadio, resultante em virtude das diferentes culturas, línguas, regiões, etc., sem comprometer, porém, aquele núcleo fundamental de verdades perenemente válidas, que estão conexas intimamente com a revelação divina.

Precisamente nesta perspectiva construtiva, relacionada com a teologia especulativo-sistemática, o Magistério da Igreja refere-se especialmente a S. Aomás de Aquino não só na encíclica “Aeterni Patris”, mas também recentemente no Concílio Vaticano II (cfr. no. 16 do documento *Optatum Totius*). A razão disso é que no pensamento deste filósofo se encontram estruturados organicamente os primeiros princípios da razão natural com a Revelação de Deus de uma forma tão sólida, profunda, flexível e dinâmica que possibilita uma legítima renovação da síntese continuada no futuro. Manifesta-se assim claramente o caráter instrumental original da filosofia em relação à fé cristã.

Qual é razão profunda desta originalidade cristã da filosofia, deste colocar-se válido à disposição da fé cristã? A razão deste serviço filosófico original, referente às verdades reveladas em conceitos humanos para os homens, encontra-se no fato, acima já ilustrado, de que a filosofia, sendo um conhecimento da verdade, não pode não harmonizar com a verdade manifestada por Deus, fonte última de toda e qualquer verdade. A verdade não pode

ofuscar a verdade, como a luz não pode obscurecer a luz. Daí, precisamente, resulta que a reflexão racional sobre os conteúdos da fé cristã, elevada ao nível científico por meio da verdadeira filosofia, está perfeitamente em condições de proporcionar, na medida do possível, um aprofundamento válido, embora instrumental, da compreensão da revelação divina, sem deturpar o seu genuíno significado. Daí resulta também que as filosofias ideológicas, dissociadas da evidência objetiva e da fé cristã, são completamente incapazes de servir como instrumentos para dilucidar as verdades reveladas. Entrando em contato com o cristianismo, elas deturpam o seu conteúdo autêntico.

Se no processo racional, aplicado legitimamente aos dados da revelação divina para compreendê-los mais e melhor, o cristão instrumentaliza cientificamente a razão filosófica, as ideologias instrumentalizam tendenciosamente, para os seus fins pragmáticos, isentos do contexto da verdade, seja a filosofia, seja a mesma religião. Nem o próprio Jesus Cristo, Autor da religião revelada, escapa hoje daquele processo ideológico relativizante: Ele é considerado atualmente por tantos ideólogos ou como um homem do partido, ou como um sociólogo, ou como um revolucionário político, ou ainda de outra maneira inadmissível. Isso acontece no atual mundo dessacralizado e confuso, porque se perdeu a legítima harmonia no relacionamento da razão e da fé, em consequência de um longo e gradativo afastamento do filosofar da realidade, começado no século XVI, resultando, como Leão XIII na "Aeterni Patris" deplora, "que os sistemas de filosofia se multiplicaram além da medida e que opiniões diversas, opostas entre si, repontaram, mesmo sobre as coisas mais importantes dos conhecimentos humanos".¹⁹ Afastando-se do realismo da filosofia cristã, não só desapareceu a teologia sobrenatural especulativo-sistemática, mas também se multiplicaram, em nome da filosofia, nos ambientes racionalistas, idealistas e outros, atingidos pelo relativismo cético, tantas objeções graves e negações radicais em relação ao cristianismo. A confusão de idéias começou a atingir, em alguns países, até os filósofos católicos. Daí resultou uma necessidade urgente, que se sente agudamente de novo nos dias atuais, de recorrer a um serviço filosófico consistente para defender eficazmente o cristianismo.

Nesta perspectiva científica instrumental, era urgente, antes de tudo, restaurar no mundo católico a filosofia cristã. Este plano importante animava

¹⁹ "Adnitentibus enim Novatoribus saeculi XVI, placuit philosophar citra quempiam ad fidem respectum, petita dataque vicissim potestate quaelibet pro lubitu ingenioque excogitandi. Qua ex re pronum fuit, genera philosophiae plus aequo multiplicari, sententiasque diversas atque inter se pugnantibus oriri etiam de iis rebus, quae sunt in humanis cognitionibus praecipuae" — opúsc. cit., p. 38.

já, antes que penetrasse no espírito de Leão XIII, um bom número de filósofos católicos. A estes filósofos Leão XIII alude na "Aeterni Patris".²⁰ Eles, insatisfeitos pela caótica situação filosófica da época, em prejuízo da fé cristã, buscaram arduamente os caminhos da renovação do pensamento profundo. Se esta renovação veio mais tarde, em 1879, com um documento solene e amplo de Leão XIII, a encíclica "Aeterni Patris", é justo afirmar que ela não tinha a direção de cima para baixo, mas de baixo para cima. A razão é que foi precisamente aquele movimento filosófico dos pensadores insatisfeitos com a situação reinante, conhecedores profundos e seguidores da filosofia tomista, que preparou e animou intelectualmente o sábio Pontífice para publicar a mencionada encíclica, carta magna da filosofia cristã, restaurando oficialmente a filosofia patrística e escolástica, principalmente a do "príncipe e mestre" de todos os doutores escolásticos, S. Tomás de Aquino. O objetivo desta restauração oficial foi revigorar a razão filosófica, para que ela, além de evoluir com perfeição num processo sistemático com solidez e abertura, concorresse funcionalmente, a fim de defender, como um instrumento válido, o cristianismo, ressaltando "os fundamentos inabaláveis da fé, a sua divina origem, a sua verdade certa, os motivos da persuasão, os benefícios que ela proporciona ao gênero humano, o seu perfeito acordo com a razão".²¹

Este programa vasto e bem estruturado conserva hoje toda sua atualidade. Presenciando a atual investida impetuosa do secularismo e do ateísmo programado contra o cristianismo, o direito e também o dever do cristão é recorrer à filosofia e submeter a um rigoroso exame crítico, gnosiológico, metafísico e ético, tudo o que prejudica de qualquer modo a fé e a sua sintonia com a razão. Justamente nesta disponibilidade oferecida, neste poder crítico evidencia-se a originalidade cristã da filosofia, que é instrumental e se consubstancia na sua capacidade defensiva das verdades da fé, conforme à situação concreta dos continentes e de cada um de seus povos.

²⁰ "Optimo itaque consilio cultores disciplinarum philosophicarum non pauci, cum ad instaurandam utiliter philosophiam novissime animum adiecerint, praeclaram Thomae Aquinatis doctrinam restituere, atque in pristinum decus vindicare studuerunt et student" — opúsc. cit., p. 40.

²¹ Ad hos autem sanandos, et in gratiam cum fide catholica restituendos, praeter supernaturale Dei auxilium, nihil esse opportunius arbitramur, quam solidam Patrum et Scholasticorum doctrinam, qui firmissima fidei fundamenta, divinam illius originem, certam veritatem, argumenta quibus suadet, beneficia in humanum genus collata, perfectamque cum ratione concordiam tanta evidentia et vi commonstrant, quanta flectemdis mentibus vel maxime invititis et repugnantibus abunde sufficiat" — opúsc. cit., pp. 41, 42. Veja também as páginas 7 e 13 do opúsculo.

Uma nova forma da instrumental originalidade cristã da filosofia, hoje muito significativa, resulta em virtude da mediação da razão filosófica no diálogo do cristão com as atuais ciências naturais, humanas e tecnológicas. O enorme desenvolvimento destas ciências está penetrando de tal maneira na mentalidade e cultura hodierna, que o cientificismo e tecnologismo estão virando uma verdadeira obsessão, fazendo esquecer os valores do cristianismo. Com o intuito de opor-se a esta ideologização das ciências naturais, históricas, antropológicas e técnicas, querendo, ao mesmo tempo, assumir os resultados válidos destas ciências florescentes, o cristianismo tem hoje uma tarefa urgente e importante: fomentar com todas estas ciências um contato aprofundado, a fim de conhecer melhor o homem e expressar hoje melhor o sentido autêntico das verdades reveladas, bem como eliminar o que é ideológico. Neste diálogo importante a filosofia pode e deve exercer a sua mediação entre a fé cristã e aquelas ciências.

Em que consiste esta função instrumental da filosofia em relação à síntese cristã hodierna? Ela consiste em exercer uma reflexão transdisciplinar aprofundada sobre as contribuições científicas multiformes e sobre a complexa problemática suscitada por elas, a fim de discernir entre o que vale e o que não vale, ressaltando os dados certos de valor permanente perante a razão humana e, por isso, também perante a Revelação de Deus. Fundamentando-se neste serviço filosófico auxiliar, a teologia pondera melhor o contributo oferecido pelas ciências experimentais, na perspectiva do enriquecimento da síntese cristã e da promoção da economia da salvação. Há hoje tantos dados novos, investigados pelas ciências positivas, como, por exemplo, dados que se referem às gêneros do homem e do mundo, à genética, ao sub-consciente, à energia atômica, etc., que interessam vivamente a reflexão teológica. Recebendo um serviço garantido da parte da filosofia como mediadora, fiel a seu método e seus princípios próprios, a teologia progride com uma segurança rapidez maiores, sem diminuir-se e sem cair no biologismo, sociologismo, historicismo, parapsicologismo, etc. A teologia deve evitar tudo isso, pois o seu objeto específico —o mistério da salvação revelado por Deus— está além do campo da investigação científica experimental. Deste modo o cristianismo, instrumentalizando cientificamente a filosofia, proporciona, sem interferir no campo das ciências experimentais, uma mensagem teológica séria, compreensível para o mundo atual, evitando contaminações secularizantes e degradantes. Colaborando instrumentalmente com o cristianismo na elaboração da síntese abrangente, a filosofia concorre também para ampliar os horizontes da visão científica, referente ao homem, à sociedade e ao universo, indicando ao homem atual os valores mais altos e fazendo humanas todas as descobertas científicas. Sendo um momento imanente da teologia, a

filosofia exerce, pois, uma função instrumental altamente benéfica no diálogo hodierno do cristão com o mundo secularizado, auxiliando-o a perceber os perigos do secularismo e do ateísmo, bem como a avaliar a necessidade da sabedoria para superar as graves crises, que hoje o estão atribulando dolorosamente.

VI. Conclusão final

Concluindo a presente investigação filosófica, comemorativa do centenário da encíclica "Aeterni Patris" de Leão XIII, a resposta ao complexo problema suscitado resulta clara e bem fundamentada: existe inegavelmente a originalidade cristã da filosofia, em virtude do ser e do agir do cristão, como de ontem, assim também de hoje, que exigem um uso profundo da razão e levam para a perfeição do filosofar. Esta originalidade ou novidade, pois, consiste, antes de tudo, na propriedade da filosofia de dispor a alma humana para a recepção da mensagem cristã. Esta mesma originalidade resulta também em virtude do novo caminho de filosofar que o cristão segue: um caminho fecundo dentro do pressuposto e universo das verdades da fé, que o filósofo sem fé não possui. Terceiro: a originalidade cristã da filosofia provém também dos novos conteúdos filosóficos, alcançados pelos cristãos em virtude das novas disposições espirituais. Finalmente, a originalidade cristã da filosofia manifesta-se pela sua disponibilidade instrumental válida, garantindo uma ordenação coerente dos dados revelados, defendendo-os com eficiência e promovendo o diálogo da teologia sobrenatural com as ciências positivas, hoje em grande progresso.

Esta originalidade multiforme —quadridimensional— exige do cristão de hoje uma tarefa árdua: conseguir que a filosofia, conservando a sua natureza racional e ligando-se à fé, contribua para vencer o terrível assalto do materialismo laicista e do ateísmo militante bem como se empenhar, seguindo o exemplo original de S. Tomás, Doutor Universal, para renovar a síntese cristã à base de novas análises e concorrer para incrementar o filosofar no mundo atual, na perspectiva do último fim da pessoa humana, que é sobrenatural. A encíclica "Aeterni Patris" não obteve ainda todos os seus efeitos. Ela é hoje muito atual. A luz deste documento importante de Leão XIII o cristão de hoje, homem novo, pode e deve atuar com ardor, tendo em vista a regeneração da vida e da cultura em todas as suas dimensões, conforme às exigências atuais da razão filosófica e do mundo hodierno em crise. Estas exigências fundamentais são as seguintes: exigência fenomenológica do concreto, exigência lógico-gnosiológica, exigência de abertura para uma visão metafísica.

sica da realidade, ressaltando a transcendência, exigência de uma interpretação ainda mais profunda e atualizada da liberdade humana, da justiça e do amor, exigência da humanização pluridimensional, exigência da cristianização e integração de valores, finalmente, exigência do diálogo transdisciplinar com as atuais ciências matemático-experimentais e técnicas, bem como de um diálogo crítico com as ideologias de hoje. Esta tarefa original do cristão-filósofo de hoje é urgente e muito importante nos trágicos dias atuais.

EL TOMISMO EN LA ARGENTINA Y LA RECEPCIÓN DE LA ENCÍCLICA *AETERNI PATRIS*

DR. ALBERTO CATURELLI
Universidad de Córdoba,
Córdoba, Argentina,

I

EL TOMISMO ANTES Y DESPUÉS DE LA "AETERNI PATRIS"

1. Antecedentes histórico-doctrinales

LA TRADICIÓN FILOSÓFICA argentina se remonta a los comienzos del siglo XVII pues en 1610, en el centro del país, en Córdoba, se contaba con el Colegio Máximo de la Compañía de Jesús y, poco después, en 1613, era fundada la Universidad de Córdoba que abrió sus puertas al año siguiente, reconocida por la autoridad pontificia y la real en 1622. Pero esta tradición, estrictamente escolástica, entroncaba con la inmediata tradición española donde florecía, en ese momento, la segunda escolástica. El primer profesor, el P. Juan de Albis, no era tomista sino suarista, como lo fueron la mayoría de los profesores de la Universidad cordobesa en el siglo XVII, con la excepción del notable pensador y poeta, don Luis de Tejeda, que era neoplatónico. Naturalmente, no puedo detenerme en tan corto espacio, a hacer la historia de la filosofía de este tiempo y debo remitir a mi obra, todavía inédita, *Historia de la filosofía en Córdoba*, en la cual, por primera vez, se hace un estudio sistemático de la filosofía en los siglos XVII, XVIII, XIX y XX.¹ Basten, por ahora, unas pocas líneas generales.

¹ Esta obra, dos volúmenes que suman alrededor de 1,200 páginas, reconoce un precioso e insoslayable antecedente en el extraordinario trabajo de investigación del